EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REUNINDO VIVÊNCIA E REFLEXÃO NA PRÁTICA EDUCATIVA.[1]

Elza Maria Fonseca Falkembach[2], *Marília Zancan Frantz*[3]

A noção de experiência associada à temática da constituição do sujeito tem, não só recentemente, tangenciado as produções de um grande número de filósofos e pensadores das ciências sociais. São diversas as abordagens desde as quais a noção se incorpora de significado, historicamente. Na obra do pensador francês Michel Foucault, onde pode ser divisada em distintos momentos e atravessando grande diversidade de temas, passa por deslocamentos de significados. Contudo, a conotação de "intensidade" reincide a qualquer momento em que o autor se refere ao termo. Experiência é vivência intensa; é algo que impacta o indivíduo; que o leva a situações-limites; "a experiência é alguma coisa da qual saímos transformados" (Revel, 2005, p. 47). Por sua vez, Marie-Cristhine Josso, interessada em compreender e teorizar sobre "experiências de vida e formação do sujeito", chegou a constatações como: experiências são vivências particulares que assumem um status diferenciado "a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido" (2004, p. 48). A práxis, conforme a compreende Paulo Freire, também converge para a noção abordada. A experiência combina vivência e reflexão. Possibilita que singulares vivências se constituam em objeto para o pensamento dos sujeitos que as experimentam, mas toca também seus sentimentos, suas sensibilidades, suas capacidades de ação, de jogar para frente o vivido como ideação. Faz-se mediadora da relação do indivíduo consigo e com o ambiente natural e social do seu tempo abrindo espaço para a edificação de novos conhecimentos, sentimentos, valores e ações. Ao acompanhar processos educativos na EJA – Educação de Jovens e Adultos – especialmente em nível de alfabetização, a presente pesquisa se depara com depoimentos que apontam para a intensidade da interação entre sujeitos e saberes: os processos educativos vividos "são densos"; chegam a ser "mais significativos" do que os produtos gerados; por vezes "nos desestruturam" declaram educadores; constituem-se em vivências "que a gente não esquece" afirmam educandos e educadores; nos "transformam", "fazem a gente ver o mundo diferente". Frente ao constatado, a pesquisa pergunta: como o trabalho educativo na EJA tem possibilitado o trânsito de suas forças potencializadoras de processos e vivências em direção a um discurso que expõe significados, promove debates, favorece integração, revela interpretações, passa por análises e reconstruções? Há, nesse percurso, um movimento de articulação de saberes e poderes e abertura de espaço para que os indivíduos se autorizem a assumir a palavra e se revelem como sujeitos de linguagem? No momento em que, do interior dessas práticas educativas (sociais e culturais), esses sujeitos se autorizam a articular discursos, afirmando algumas verdades e infirmando outras, estarão eles também se enunciando? Estarão se apresentando como sujeitos de um espaço-tempo e também se assumindo em sua historicidade; revelando-se sujeitos de experiência, envolvidos, por meio de seus pensamentos, atitudes, comportamentos, sentimentos, saber-fazer, com suas vivências? Como? Metodologia: frente a essas questões a pesquisa acompanha o que se

mantém do "Programa Alfabetiza Rio Grande" em uma escola estadual do município de Ijuí. Define-se pela "sistematização" como estratégia investigativa capaz de orientar os sujeitos das práticas educativas de EJA a uma construção coletiva de conhecimentos que transforma "o que se passou", "o que se viveu" e "o como se viveu" em um discurso centrado nas questões temáticas que problematizaram o objeto de investigação. Questões que deverão conduzir as análises. Estas estarão recorrendo aos autores referidos no presente texto, mediante interface temática, conforme proposição de Krischke. Resultados: diante da nova problematização, os resultados da pesquisa são ainda "esperados". Contudo, a decisão de profissionais da educação se manter atuando nesta modalidade de ensino (e com predisposição à formação continuada) é um indício de que algum "significado intenso" ela provoca em suas práticas docentes e em suas relações consigo (ser-si), com o outro (ser-junto) e com a vida no planeta (ser-relação).

[1] Resultado parcial de pesquisa institucional - grupo de pesquisa educação popular e cidadania - linha de pesquisa educação popular em movimentos e organizações sociais do programa de Pós-Graduação em Edicação nas Ciências

[2] Professora doutora do departamento de pedagogia da UNIJUÍ - docente do programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências

[3] Bolsista do PIBIC - CNPq